

Os Eco contraditórios do turismo na Chapada Diamantina

Francisco Brito, *EDUFBA*. 2005, 416 paginas

Por Antônio da Silva
Câmara *

O livro de Francisco Brito publicado pela EDUFBA em 2005, é fruto de tese defendida, com sucesso, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da UFBA, constituindo-se referência obrigatória para todos os que pretendem compreender o ecoturismo, particularmente a tensa e contraditória relação entre agentes públicos, turistas, população local e meio ambiente na Chapada Diamantina no Estado da Bahia.

Esta cuidadosa pesquisa documental, etnográfica e sociológica sobre a Chapada Diamantina transcende os limites locais, pois Brito realiza uma incursão teórica sobre as origens do turismo e do ecoturismo tanto a nível internacional quanto nacional, realizada de forma cientificamente rigorosa, mas ao mesmo tempo fluente e agradável para a leitura.

O ato de viajar é o ponto de partida da investigação teórica, o autor nos remete à história, lembrando-nos das viagens no mundo antigo e discorrendo sobre as suas diversas fases no período de ascensão da burguesia na Europa ocidental. Trabalhando com argúcia de relatos científicos e literários reconstrói a viagem



numa época na qual o turismo, no sentido atual, não existia. A viagem aqui aparece como forma de apropriação do mundo conhecido, enriquecimento cultural e desbravamento de terras desconhecidas para a civilização ocidental. Estas viagens só adquiriram

contornos mais nítidos na Europa ocidental pós-renascentista.

Sem dúvida a expressiva contribuição deste livro para a compreensão do turismo contemporâneo encontra-se na sua incursão sobre a transformação do ato de viajar em lazer organizado, planejado e sob a égide de empresas turísticas. Dessa forma o ato de viajar é apropriado pelo capitalismo e o tempo livre torna-se alvo das empresas turísticas. O antigo ato de viajar enquanto requinte dos ricos, dos artistas (a exemplo de Mozart) e dos excêntricos, democratizou-se tornando-se acessível aos trabalhadores. Tal acessibilidade, no entanto, encerra uma perversão do capital, pois ao apropriar-se do tempo livre dos trabalhadores amplia-se também a extração da sua mais-valia, agora através do confisco da sua poupança ou mesmo do seu endividamento. Alguns marxistas contemporâneos da escola de Frankfurt observaram, em meados do século XX, a atuação da indústria cultural

apropriando-se do tempo livre, criando formas estandardizadas de lazer, que inclui desde uma ampla rede de serviços de divertimento (radio, cinema, televisão, parques etc..) até as viagens organizadas pelo turismo de massa. O lazer transforma-se numa mercadoria obedecendo, assim, às leis do valor. Brito mostra, com propriedade, que o boom da aviação mundial permitiu a organização de roteiros turísticos exóticos, atraindo ávidos consumidores japoneses, europeus ocidentais e norte-americanos. A aura romântica que envolvia as viagens no passado, relatada por desbravadores e míticos viajantes como Marco Pólo, cede lugar à viagem padronizada, com os viajantes transformados em turistas e consumidores que buscam no destino o conforto, a comodidade e, em muitos casos, a reprodução da sua própria vida cotidiana. Para isso, as agências oferecem pacotes de viagens com todas as comodidades e proteção para seus clientes, incluindo desde o prévio aluguel de quartos de hotel, passeios aos principais pontos turísticos de cada localidade, traslado, refeições, ingressos para shows, peças de teatro etc. Brito, referenciando-se em Boorstin observa que os turistas são enclausurados numa "bolha ambiental", protegidos dos "dissabores" que poderiam ser provocados pelo seu contato com a população local.

Por outro lado, o autor observa que este tipo de turismo causa sérios prejuízos ao meio ambiente, e este é exatamente o seu limite, pois o estímulo à visitação de áreas distantes e regiões com frágeis ecossistemas pode conduzir, rapidamente, à degradação do meio natural. Os ambientalistas a partir da década de 60, na Europa, e a partir da década 80, no Brasil, apontam para este risco e exigem atitudes diferenciadas dos indivíduos e dos agentes capitalistas na prática do turismo. Tece-se, a partir daí uma nova ideologia com vistas a convencer

segmentos que buscavam "distinção" e se mostravam identificados com a defesa da natureza, a realizarem um novo tipo de turismo. Ao lado desta preocupação ambiental emergia também o discurso do desenvolvimento auto-sustentável, capaz de gerar emprego e renda em localidades afastadas dos grandes centros urbanos, preservando a natureza. Os organismos internacionais (ONU, OMT e Banco Mundial) investem junto aos governos e aos empresários para a criação de uma nova infra-estrutura que permitisse o florescimento do ecoturismo.

Este livro nos mostra a contradição entre a proposta de vivenciar e preservar a natureza, conservando-se relações mercantis que o capital impõe à sociedade contemporânea. Às boas intenções de um turismo limpo, opõe-se a sua submissão às formas de reprodução do capital encarnado pelas agências nacionais e internacionais. O espírito de liberdade e aventura é apenas aparente, pois a ação institucional limita e direciona os movimentos do turista, sobretudo por parte de governos de países do terceiro mundo que apostam nesta modalidade de turismo e, por isso, investem maciçamente na criação de condições estruturais, domesticando a experiência turística.

Para compreender este novo tipo de turismo, na sua versão nacional e particularmente na Bahia ("beneficiada" com zoneamento que permite a prática do turismo em todo seu território), Brito analisa esse processo na Chapada Diamantina, um dos principais destinos para esta modalidade no país. O autor tem o cuidado de recordar a velha Chapada Diamantina no seu esplendor da época da mineração e seus intercâmbios com a Europa e depois nos leva a visualizar a Chapada no período da estagnação, decorrente do colapso da mineração, e, por fim o período recente com

* Professor do Departamento de Sociologia
Coordenador da Pós-Graduação em
Ciências Sociais/UFBA

o ecoturismo tornando-se a principal atividade econômica de suas cidades e vilas. O autor chama a atenção para a atuação do poder público em suas diversas instâncias, inclusive atentando para a existência de um Aeroporto em Lençóis, criado para estimular a vinda de turistas internacionais e de outros estados. Os beneficiários deste boom turístico e as conseqüências desta prática para o desenvolvimento local e para a natureza são cuidadosamente analisados. As contradições decorrentes da relação entre os moradores antigos, os guias, os donos de hotel, o poder público, e o próprio turista são abordados a partir tanto da observação direta quanto a partir de entrevistas realizadas com os atores sociais envolvidos.

À sua pesquisa Brito acrescentou minuciosa análise de dados censitários e informações obtidas junto aos órgãos públicos locais. De posse desse arsenal e de suas entrevistas, reconstrói a experiência de turistas nacionais e estrangeiros, a sua própria experiência como pesquisador e turista, e a experiência da população local com o outsider (novos moradores e turistas).

Brito sem posição determinista, mas também se distanciando da apologética oficial que vê no turismo a redenção das áreas economicamente atrasadas, nos alerta para os efeitos positivos e negativos do ecoturismo. Observa que mesmo este tipo de turismo padece de falta de

planejamento, do cuidado com a própria população local - que deveria ser considerada como integrante do próprio ecossistema - e da ausência de interlocução com os movimentos sociais. Alerta para o abandono de outros destinos turísticos que foram avidamente consumidos pela indústria cultural, critica a uniformização do consumo da natureza e também os megaprojetos que iludem o turista com promessa de estadias maravilhosas e com a sua contribuição para o desenvolvimento sustentável. Estes destinos turísticos recebem o apoio de grandes instituições financeiras internacionais que, por vezes transformam localidades rústicas em balneários de luxo. Por outro lado, conclui o autor que a consciência ambiental não pode ser desvinculada da consciência social e as comunidades locais não podem ser descartadas ou inseridas em atividades altamente lucrativas percebendo salários baixíssimos. A natureza e a sociedade são os objetos deste livro, os ganhos e perdas da febre do ecoturismo estão incluídos no seu balanço final. Com isso o livro se negará a dormir nas prateleiras, constituindo-se numa ferramenta indispensável para os estudiosos, os técnicos e a própria população envolvida com esta atividade na Chapada Diamantina e certamente no Brasil.

P.S. Para a aquisição do livro, entrar em contato com a Eufba (edufba@ufba.br) e com o autor (frabrito@ufba.br).